

GRAFITE CONGOLÊS

Por Maria Clara Matias Bernardo, *Veja* - São Paulo, Brasil
07/08/2019

Para saber um pouco da história da grafiteira que, atualmente, anda atraindo muita atenção do público, precisamos saber um pouco de sua história e a de seu país, o Congo. Pode ser que nem todos saibam sobre as histórias de conflitos e de superações que esse país teve durante séculos. Guerras civis, independências, Holocaustos e genocídios fizeram com que o povo congolês sofresse com um número elevado de mortos e com a preocupação de um de seus familiares morrer apenas por sair na rua.

Depois de aproximadamente 12 horas de voo para a França, fomos encontrar a primeira artista congoleza que tentou expressar, em forma de grafite, o que passou durante a Guerra do Congo e seus motivos para expor o quão terrível foi viver em uma época de conflito tão desumano e chocante.

Maria Clara é uma africana congoleza nascida no ano de 1960. Desde cedo, ela teve muito interesse na arte porque era a única forma que ela gostava de expressar sua opinião e seus sentimentos. Naquela época, estava havendo um conflito no Congo muito perigoso que fez com que seus pais não a deixassem sair para fora de casa.

Em uma entrevista que ela deu para a revista *Veja*, no dia 13/04/2016, Clara disse: “Na época, eu me sentia muito desconfortável

com o que passava na TV e me assustava com os barulhos que ouvia na rua da minha casa. Então, para “esquecer” o que ocorria ao meu redor, eu desenhava trancada em meu quarto com o mínimo de luzes acesas para ninguém saber que eu estava em casa. Com o tempo, eu fui aprimorando minhas técnicas de desenho e decidi começar a pintar as paredes de meu quarto”.



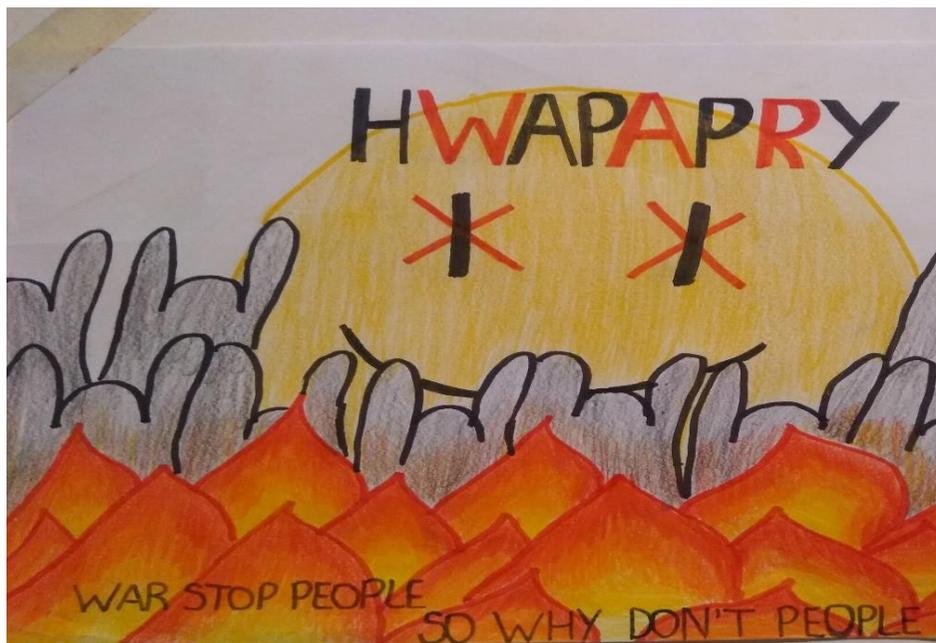
Crianças encontradas no Holocausto congolês.

Em 1978, quando fez seus 18 anos, ela conseguiu sair como refugiada de seu país e foi explorar a história da arte no lugar que tanto leu nos livros em sua casa: a França. Lá, ela estudou o que conseguiu e viu pela primeira vez o que era o grafite e como as pessoas se expressavam apenas com a criatividade e um spray.

Na França, Maria Clara começou a expressar, nas paredes de Paris, tudo o que ela sentia, informando às pessoas que nem sonhavam que aquilo estava acontecendo fora do mundo delas. Ela começou a grafitar!

Em seus grafites, ela usa muito cores como vermelho e preto para representar a guerra, o medo, o conflito, o terror e a luta nos países africanos, que quase nunca foram notados ou valorizados.

“Apesar do medo presente todos os dias, eu acreditava que, se eu conseguisse passar por isso, eu seria uma das pessoas que contribuiria para que algo parecido nunca mais acontecesse com ninguém. A vida é preciosa e é importante preservá-la e aproveitá-la o melhor que der, porque, mesmo que a dor seja insuportável, o amor pela vida é inabalável. Eu escrevo em todas as minhas obras: se a guerra para as pessoas, porque as pessoas não param a guerra? Essa pergunta eu nunca consegui responder”.



Se a guerra para as pessoas, por que as pessoas não param a guerra?

Quando Maria Clara foi questionada sobre quais são seus planos para o futuro, ela respondeu: “Pretendo fazer o curso de artes visuais na Universidade de São Paulo e concluir uma exposição que planejo desde a última vez que vim aqui, em 2016”.